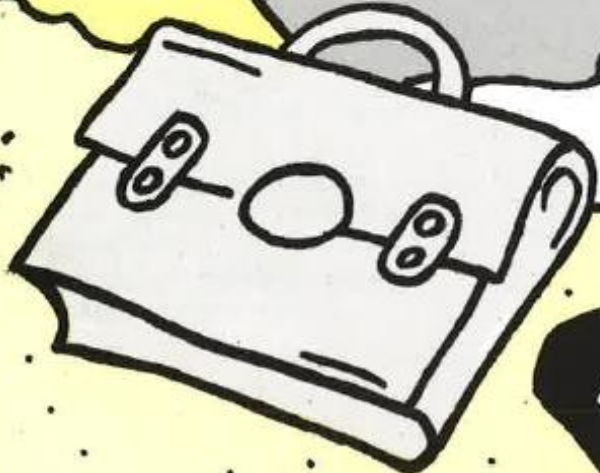


f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS

em frente!



JUNHO SET. 93 **5**

índice

Para começar	2
Divulgar	6
• Pavilhão PRÓfessor	6
• Nova rede de distribuição da revista PRÓfessor	8
• Escolas que integram actualmente o PRÓfessor	9
Se ainda não sabe, tem que ler	11
• Acreditação do PRÓfessor	11
• Quartas-feiras à noite... em Junho..	12
• Plano de Formação do PRÓfessor revisto	13
Conhecer melhor	14
• Escola C + S de Lavra	14
• Escola Preparatória António Nobre	16
Opinião	19
• A ilusão do poder	19
• Área-Escola	21
• O professor à vista desarmada	20
À conversa com...	28
• Luís Rebola	28
• Francisco Rui de Carvalho Fernandes	30
Publique-se	32
• Consequências de uma aprendizagem	32
• Os sinais de trânsito	34
Feira dos Golfinhos	36

Ficha Técnica

Director: Jorge Lima

Redacção: Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro

Propriedade: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Periodicidade: mensal

Tiragem: 1400 exemplares

Composição: Georgina Mendes

Capa: Helena Teles Viana

Execução gráfica: Edições Afrontamento

Correspondência: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Rua de Damão • 4450 Matosinhos

Tel.: 9381064 • Fax 9387683

para começar

Maria da Concessão
começou por ser
apenas
Maria.

Boca pequena,
pele macia,
com a canela suficiente na pele
para atestar a origem boliviana da avó
refugiada política
lá para as bandas de Ferreira do Alentejo.
Seio maduro e altivo,
perna talhada em torno afiado
fazia arroxear, à sua passagem,
as moçoilas da terra.

Em criança era o narizinho mais empinado
do infantário
e varou a adolescência
à pressa
de quem tem urgência
de ser adulto.

Desse tempo
guardam-se poucas histórias...
apenas a sua máxima preferida
– «eu sou como sou... é como me quero ser...
nunca farei concessões!».

Conheceu muitos homens
que deixaram poucas marcas...
e chegou a mulher mais Maria do que nunca.

Sempre se sentira atraída por homens loiros,
altos, de olhos azuis, ternos e sensíveis...
... era mais forte do que ela...
e também nisso não faria nunca qualquer concessão.

Mas quando conheceu o Luís
não podia imaginar que seria com aquele homem
que quebraria a sua promessa.
No preciso momento em que casou com ele

cometeu as suas quatro primeiras grandes concessões,
todas de uma assentada...
é que o Luís tinha tanto de loiro como de alto, de terno ou sensível –
não era uma coisa nem outra!

«Não se pode ter tudo»,
pensou...
e assim se acomodou à quebra da sua promessa
sentindo-se até mais adulta por isso.

Passado o encantamento dos primeiros meses
mesmo sem darem por isso,
começaram a apostar na relação com uma mistura previdente
de quem se senta para esperar...
porque
«sempre»
é muito tempo...

Os significados foram substituídos pelos significantes,
as rotinas foram confundidas com conforto,
as trocas de ideias por horas infindas de televisão,
a única maneira,
não assumida,
de encontrarem um pouco de privacidade
ou de esconderem o vazio
que se estabelece numa relação
em que o outro já nada tem de novo...
... até ressona, afinal,
e deixa sempre as meias sujas no chão do quarto.

É o que se passa com os pássaros
na Primavera «empenujam-se» todos de fresco,
bico luzidio,
gargantas aflautadas em estereofonia...
mas, chegado o Outono,
perderam o brilho,
o pio
e a piada toda...
só que eles desconhecem a palavra sempre,
não assumem hipotecas
ou filhos dependentes até aos 25 anos.

Por esta altura Maria tinha já tido 4 filhos,
crianças lindas,
e esquecera a promessa das concessões.

Na escola foi estagiária apaixonada
empenhou-se,
vibrou com ideias novas,
enfrentou cada tarefa com espírito sincero de mudança.

Mais tarde,
por escolas desse país todo,
começou por ser forte e determinada
não cedendo às sugestões que lhe faziam para se refrear
que ela era nova,
que daqui uns anos falávamos,
que também tinham sido assim e tinham-se dominado,
que isto não se pode mudar,
que é para se ir mudando...

Mas Maria não quis saber destes «apupos de velhos»,
como dizia,
e continuava
transferindo para a sua relação com o trabalho
toda a fibra que já não tinha onde pôr lá em casa.

Não se pode determinar com precisão
quando foi
ninguém estava lá para ver
mas foi depois de muitos aumentos inferiores à inflação,
muita desvalorização da imagem do professor,
muita medida político-financeira disfarçada de pedagógica,
muito descrédito,
muito professor inventado,
muito desrespeito,
tamanha mediocridade,
muito ilusionismo,
muita falta de vergonha...
que Maria,
mesmo sem notar,
foi cedendo
e começou a aplicar à sua relação com o trabalho
as mesmas regras que tinha aprendido a manejar em casa...

A pouco e pouco
foi fazendo concessão atrás de concessão,
usando o mesmo discurso
que tantas vezes tinha combatido...

A pouco e pouco
foi-se munindo de justificações para todos os «nãos»:
não participar,
não se empenhar,
não intervir,
não se actualizar,
não estar lá,
não colaborar,
não subscrever,
não manifestar,
não reivindicar,
não contestar,
não apoiar...

Os amigos fiéis,
que como sabem são poucos,
lembrando as promessas de Maria
passaram a chamar-lhe
Maria da Concessão!

Jorge Lima
Maio 1993

divulgar

P a v i l h ã o P R Ó f e s s o r

Cumpriu-se no passado dia 26 de Julho mais um dos objectivos da Comissão Pedagógica do PRÓfessor! Com a presença de representantes do CCFCP – Conselho Coordenador da Formação Contínua de Professores e IGE – Inspeção Geral de Educação, dos formadores acreditados do nosso Centro, da equipa de colaboradores do PRÓfessor, em cerimónia simples, inaugurou-se o Pavilhão PRÓfessor.

O pavilhão localiza-se junto ao bloco central da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos, e dispõe de uma sala de formação com 30 lugares e dois gabinetes de apoio à gestão. É um espaço de todos nós, criado e estruturado para servir os interesses de formação de todos os professores das escolas que integram o Centro.



Pavilhão – aspecto exterior



Entrada



Sala de formação



Gabinete 1



Gabinete 2

Nova rede de distribuição da revista PRÓfessor

O aumento do número de escolas do ensino pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, que integram o Centro, e a sua dispersão geográfica, têm dificultado a distribuição da revista, inicialmente a cargo das respectivas representantes à Comissão Pedagógica, as colegas Elisa Agostinho e Lurdes Barbosa.

Assim, e a partir de agora, por decisão da Comissão Pedagógica, vão funcionar, em quatro escolas pólos de distribuição seguidamente referidos.

- Pólo Escola Secundária Augusto Gomes – Este pólo assegurará a distribuição das revistas ao Centro Infantil de Matosinhos, Jardins de Infância João de Deus, Biquinha e Pinóquio, Colégios Novos Rumos e Bom-Jesus, Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico 1 e 2 de Cruz de Pau, 1 e 2 de Santa Cruz do Bispo, Externato Padre Cruz, Extensão Educativa de Matosinhos e A.P.P.A.C.D.M.;

- Pólo da Escola Secundária da Boa Nova (Leça da Palmeira) – Este pólo assegurará a distribuição das revistas às Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico de 1 a 4, Freixeiro 1 e 2 e Escola Profissional Ruiz Costa;
- Pólo Escola dos Sinos – Este pólo assegurará a distribuição das revistas às Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico de 1 a 8 e de Sendim;
- Pólo da Escola C+S da Lavra – Este pólo assegurará a distribuição das revistas às Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico de Agudela, Perafita, Antela, Angeiras e Cabanelas 1 e 2.

Esperamos, deste modo, que o acesso à revista seja facilitado e que todos os professores e educadoras de infância passem a receber atempadamente a revista sem sobrecargas desnecessárias para as colegas representantes dos jardins de infância e das Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Escolas que integram actualmente o PRÓfessor

Escolas do Centro			
Estabelecimento	Prof.	Morada	Telefone
Jardins de Infância			
Centro Infantil de Matosinhos	10	R. Dr. José Ventura	9382999
Colégio Novos Rumos	4	R. das Terçosas, 385	9533296
Externato do Padre Cruz	2	R. Álvaro de Castelões, 565	9374420
J. I. João de Deus	10	R. 1º de Maio	9381104
J. I. «O Pinóquio»	2	R. Justino Montalvão, 166	9955657
J. I. da Biquinha	2	Bairro da Biquinha	9383708
J. I. de Leça da Palmeira nº 1	1	R. Nogueira Pinto	9951797
J. I. de Leça da Palmeira nº 2	4	R. Hintze Ribeiro	9950770
J. I. de Leça da Palmeira nº 3	2	Av. Fernando Aroso	9957735
J. I. de Matosinhos	3	R. António Aleixo	
J. I. de Portela (Santa Cruz do Bispo)	2	R. da Portela, Stº Cruz do Bispo	9958165
E. de Sendim	1	R. Sarilho	9534615
Externato Bom Jesus	3	R. Dr. José Ventura	9384475
E. da Agudela (Pampilide - Lavra)	1	R. Agudela	9960161
A.P.P.A.C.D.M.	8	R. dos Lagos - Sº da Hora	9510444
Equipa do Ensino Especial de Matosinhos	6	R. Conde Alto Mearim, 218	9376989
(16) Subtotal)	61		
Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico			
E. de Matosinhos nº 1	23		93726444
E. de Matosinhos nº 6		R. Pombal	9372780
E. de Matosinhos nº 2	4	R. Álvaro Castelões	9372644
E. de Matosinhos nº 3	7	R. Augusto Gomes - Matosinhos	9373489
E. de Matosinhos nº 4	5	R. de Nogueira	9951797
E. de Matosinhos nº 5	7	Bairro dos Pescadores	9373817
E. de Matosinhos nº 7	8	R. de Diu	9372876
E. de Matosinhos nº 8	10	R. do Godinho	9378420
E. de Sendim	10	R. dos Sarilhos	9534615
E. da Agudela (Pampilide - Lavra)	6	R. da Agudela	9960161
E. de Leça da Palmeira nº 1	17	R. Óscar da Silva	9951373
E. de Leça da Palmeira nº 2	5	R. Heróis de África	9962665

E. de Leça da Palmeira nº 3	7	R. Hintze Ribeiro	9950770
E. de Leça da Palmeira nº 4	9	R. Nogueira Pinto	9951797
E. de S. Cruz do Bispo nº 1	14	Largo da Viscondessa	9960262
E. de S. Cruz do Bispo nº 2	10	Largo da Viscondessa	9951004
E. do Freixieiro nº 1	4	R. 31 de Janeiro	9960039
E. do Freixieiro nº 2	8	Trav. 31 de Janeiro	9965256
E. de Cruz do Pau nº 1	20	R. Cruz do Pau	9373334
E. de Cruz do Pau nº 2	19	Bairro da Biquinha	9383708
E. de Antela	6	R. de Antela	9960157
E. de Angeiras (Lavra)	5	R. das Angeiras	9272346
E. da Praia de Angeiras	11	R. da Quinta Lavra	9272286
E. da Portela (Santa Cruz do Bispo)	2	R. da Portela	9958165
E. de Cabanelas nº 1 (Lavra)	6	Cabanelas Lavra	9960158
E. de Cabanelas nº 2 (Paço - Lavra)	5	R. Alvito Paço	9960159
E. de Perafita (E. Básica da Igreja)	20	R. Ocidental - Perafita	9951477
Extensão Educativa	6	R. Afonso Cordeiro, 132	9383932
Externato do Padre Cruz	3	R. Álvaro de Castelões, 565	9374420
Externato do Bom Jesus	4	R. Dr. José Ventura	9384475
J. I. João de Deus	9	R. 1º de Maio	9381104
A.P.P.A.C.D.M.	1	R. dos Lagos - Sº da Hora	951044
(31) Subtotal	271		
Escolas 2º e 3º Cíelo E. Básico e E. Secundário			
E. Preparatória de Matosinhos	141	R. Augusto Gomes 4450 Matosinhos	9383174 937542 FAX
E. Preparatória de Leça da Palmeira	124	R. General Humberto Delgado 4450 Matosinhos	9953929 9965590 FAX
E. C+S de Lavra	58	R. da Cruz Cabanelas Lavra - 4450 Matosinhos	9963995 FAX
E. Ensino Básico Integrado da Barranha	21	Av. Vasco da Gama	9538086 9538087 FAX
E. Secundária nº 1 de Matosinhos	195	Av. Villagarcia d'Arosa	9383658/9 9383480 FAX
E. Secundária de Leça da Palmeira	156	Av. dos Combat. da Grande Guerra	9961988/9 9964374 FAX
E. Secundária Augusto Gomes - Matosinhos	210	R. Damão	9381064/5 9379320 FAX
E. Profissional Ruiz Costa	28	Av. Dr. Fernando Aroso, 171	9957735
(8) Subtotal	932		
(52) Total	1264		

Se ainda não sabe

TEM QUE LER

Acreditação do PRÓfessor

O PRÓfessor ficou, assim, a partir do dia 8 de Junho último acreditado como entidade formadora até 31 de Dezembro de 1995, o que significa que para além de ser reconhecido como «escola» de formação de professores para as áreas, modalidades e níveis de formação requeridos, possui uma bolsa própria de formadores acreditados. Para breve seguir-se-á a acreditação de cada uma das nossas acções.

**Conselho
Coordenador
de Formação
Continuada
de Professores**

Exmo(a) Senhor(a)
Director(a) do Centro de Formação
de Professores do Matosinhos
PRÓfessor
Rua de Damão
4450 Matosinhos

Ass. referencial: _____
Ass. comunicação de: _____
Folha referencial: 0000767
Data: 14.06.93

ASSUNTO: ACREDITAÇÃO de entidade formadora.


Exmo(a) Senhor(a),

Cerminho a V.ª Ex.ª, que, em 08 de Junho de 1993, foi acreditado como entidade formadora, e para as áreas, modalidades e níveis requeridos, o Centro de Formação:

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS "PRÓFESSOR"

Em breve será emitido e enviado o respectivo certificado de acreditação o qual é válido até 31 de Dezembro de 1995.

Com os melhores cumprimentos,

O Secretário Permanente

(Dr. Alves Guimarães)

De acordo com o Regulamento de funcionamento e de funcionamento do Centro de Formação de Professores do Matosinhos

CONSELHO COORDENADOR DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES - Rua Catarina Meneses 24 - 2º Esq. - 4000 Porto
tel. (351) 209 74 60 - Fax (351) 208 24 27

PRÓ

11

Quartas-feiras à noite... em Junho dão origem a «Às Quartas-feiras... é no Centro!»

Foram quatro as quartas-feiras de Junho e uma foi na terça-feira para fugir ao S. João.

A primeira foi com o Ensino Pré-escolar. Estiveram presentes todos os formandos e formadores convidados. A participação foi, de imediato, espontânea, rica, entre profissionais apaixonados... «com brilho nos olhos». Essa noite foi tempo de trabalho, de partilha, de convívio, onde não se falou de créditos, escalões ou de dinheiro. Repetiram-se palavras «inovação», «orgulho» (por pertencerem ao PRÓfessor), «elogios» à revista, afirmaram-se intenções – o desejo de criarem, a partir deste Centro, o primeiro espaço de encontro de educadoras de infância, noutras quartas-feiras, no Centro, sem formadores ou formandos, só, em grupo de iguais.

Com o Ensino Básico – 1º Ciclo, já faltaram alguns formandos. Falou-se demais de créditos, de dinheiro, de horários... O tempo escorria mas um futuro encontro, no Centro, numa quarta-feira em Setembro, para debater o método global e as técnicas de leitura escrita ficou agendado.

O 2º e 3º Ciclo trouxe, com muita força, a espontaneidade e o brilho. Manifestaram interesse e identificaram-se com a oferta de formação de 1993 e com as novas ofertas para 1994. E foi nesta quarta-feira, que afinal foi um terça, que, pela primeira vez, os formandos aceitaram o repto da revista – através dela, testemunharem, directamente, as suas experiências enquanto formandas do PRÓfessor, directoras de turma, animadoras de escola: Fernanda Costa e Silva (do curso Comunicação na aula), Maria Amélia Borges (Directora de turma a frequentar o curso Direcção de Turma), Marieta Rego (e a anima-

ção da biblioteca, futura formanda do curso Trabalho de Projecto).

Ficarão mal aqui elogios a nós próprios – redacção da revista PRÓfessor –, mas pensamos que uma das formandas falou em nome de todos nós educadores e professores deste Centro, quando afirmou «... delicio-me, até como professora de Português, com cada editorial da nossa revista ...».

A última noite foi ocupada com o Ensino Secundário. Todos os formandos e formadores estiveram presentes. Destacaram as grandes inovações deste Centro:

- ter uma oferta de formação endógena de, para e feita por professores didáctica e pedagogicamente actualizados;
- ter um espaço de publicação apenas de professores não universitários – a revista PRÓfessor;

Marcaram outras quartas-feiras para analisar, em conjunto, os efeitos imediatos da formação recebida no desempenho dos formandos professores, no processo de ensino aprendizagem, na dinamização da escola.

As «Quartas-feiras à noite... em Junho» foram um sucesso. Como disse a Lúcia Carvalho, formadora do curso «Identidade Profissional do Professor», «... para que o professor progrida não necessita de créditos, mas sim de formação» e, desta forma, continua...

E assim de uma iniciativa do Director Pedagógico do Centro parte-se agora para as iniciativas autónomas de educadores e professores que, no Centro, nas suas novas instalações, às quartas-feiras, farão formação contínua...

Plano de Formação do PRÓfessor revisto ganha novos focos de interesse

A avaliação feita nestas quartas-feiras, a avaliação feita no termo de cada acção, o valor dos trabalhos individuais dos formandos, leva-nos a concluir que o Plano de Formação do PRÓfessor deve manter as suas linhas de força nos próximos anos (até 1995). Mas novas sugestões de formação foram já analisadas pela Comissão Pedagógica, aprovadas e agora ratificadas pelos potenciais formandos, seleccionados aleatoriamente para as «Quartas-feiras à noite... em Junho»:

- Património Cultural de Matosinhos
- Psicologia do Desenvolvimento do Pré-escolar ao 2º Ciclo
- Pedagogias Diferenciadas na Sala de Aula
- S.A.S.E. ou A Humanização dos Espaços Socio-Educativos da Escola
- Do Projecto Educativo ao Projecto Turma
- Didácticas Específicas

Novas modalidades de formação foram propostas – estágios, projectos (com duração de 22 ou 30 horas).

Valeu de facto, a pena, ocuparmos o mês de Junho com as «quartas-feiras». Vale sempre a pena trocar ideias, partilhar projectos, abrir o nosso trabalho à avaliação, ver nascer, gradualmente, uma outra escola dentro de tantas escolas... uma outra imagem de professor que não desistimos de ter... Vale sempre a pena quebrar os anonimatos informáticos, ver, olhar os formandos, os colegas, conhecer melhor, escutar, falar com a Elisa Agostinho, a Rosa Marques, a Teresa Mendonça, o Joel Cleto, a Maria José Alves, a Luísa Santos, a Paula Guimarães, a Ester Lopes, a Lígia Carvalho, o Horácio Dá Mesquita e tantos outros que não tivemos e não pudemos trazer aqui. Para todos os presentes obrigado, para os que faltaram «nem sabem o que perderam»... esperem por Setembro e participem!

conhecer melhor...

ESCOLA C + S DE LAVRA

Era uma vez...

Fernanda Correia*



Era um campo de cultivo situado entre a serra e o mar. Ao longo do ano, quem por lá passava, ia vendo as transformações da terra, sempre rica e generosa, oferecendo risonha toda a sua riqueza.

Cada estação trazia consigo dádivas preciosas. E, assim, iam desabrochando a batata, o centeio, a aveia, o milho e os legumes frescos e saborosos. Até o pasto verde e tenrinho fazia as delícias de vacas de olhos lânguidos e úberes luzidios.

* Presidente da Comissão Instaladora

Também as cigarras, as formigas, as vacas e outros parentes afins, faziam do campo a sua casa e a sua mesa. Por vezes, os pássaros gigantes, vaidosos no seu cinzento metálico, traziam notícias de países longínquos, que transmitiam com grande ruído, antes de poisarem um pouco mais longe.

No verão o campo era um deslumbramento. Papoilas e malmequeres apreciavam vestidas de sedas coloridas, ondulando todas dengosas ao sabor da brisa marítima.

Mas, um dia, apareceram umas máquinas enormes destruindo tudo e fazendo fugir apavorados os que ali viviam há séculos, partilhando uma vida feliz. A Dona Cigarra arrumou os seus pertences e foi cantar para outras bandas. As meninas Formigas foram cavar um túnel um pouco mais além. E as ternurentas Vacas, mugindo o seu descontentamento, procuraram outros pastos com outros sabores.

No entanto, cada dia, vinham espreitar curiosas aqueles humanos de pernas altas, andando de lá para cá nas terras que as tinham visto nascer.

E ali ficavam, vendo intrigadas as pedras subirem para o céu.

Entretanto, o inverno passou, dando lugar à primavera e ao verão. E com

grande espanto, surgiu aquela «coisa» grande e branca, cheia de buraquinhos e guardada por altos muros.

Até que, numa linda manhã de outono, estando as meninas Formigas, saboreando o pequeno almoço matinal, ouviram ao longe gritos e risadas vindas do campo. Logo correram pressurosas a avisar as vizinhas de outrora e todas juntas lá foram num alvoroço, dar conta de tanto barulho.

Então, viram centenas de jovens humanos saindo e entrando da «coisa» que de vez em quando lançava para o ar um silvo estridente. No fim do dia e, quando já tudo estava em silêncio, decidiram passar os portões deixando de fora as meninas Vacas que de tão gordas que estavam, não puderam entrar. E, pé ante pé, lá foram espreitando aqui, examinando ali, observando além, até que numa parede viram aquelas letras grandes e douradas, que a Dona Cigarra numa voz rouca, devido a uma angina outonal, soletrou «ESCOLA C + S DE LAVRA».

Assim começa a história da nossa escola que dentro de alguns anos será continuada por aqueles que tornaram o sonho numa realidade

ESCOLA PREPARATÓRIA ANTÓNIO NOBRE

Uma escola viva... uma escola activa



*Íamos sós pela floresta amiga
Sob o insenso de lua que se evola,
Olhos no céu, modesta rapariga!
Como crianças ao sair da escola.*

António Nobre – (Só)

A Escola Preparatória de Matosinhos – actualmente Escola Preparatória António Nobre, nome pelo qual foi conhecida, desde a sua fundação em 1975 – foi inicialmente construída para 700 alunos e tem actualmente 1376. Este facto, embora pese negativamente na ocupação do espaço físico devido a cada aluno, não tem impedido, ao longo destes 18 anos, a dinamização de acções que envolvem a formação de professores e funcionários e tem contribuído muito para que os nossos alunos, pertencentes a um nível etário específico, se integrem numa comunidade escolar que cada vez mais tem como objectivo, a formação equili-

brada e participativa do adolescente.

Deste modo, o seu projecto educativo visa facultar aos alunos um maior interesse e envolvimento na Escola com o ressurgimento dos «ex-Clubes» para a ocupação dos tempos livres, bem como de acções interdisciplinares e mesmo extra-curriculares, proporcionando o convívio entre docentes, discentes, auxiliares de acção educativa e encarregados de educação.

É neste novo conceito de formação, a actualizar permanentemente, que a comunidade da E.P.M. pretende continuar a aderir inovando sempre o carácter pedagógico das suas iniciativas.

Uma escola viva...

- Ocupação dos tempos livres



Biblioteca / Animação

A Biblioteca da Escola é um espaço que está permanentemente ao dispôr dos alunos. A animação cultural é variada e periódica.

O nosso Jornal já é uma tradição...

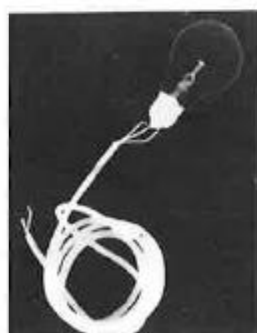
ESCOLA PREPARATÓRIA DE MATOSINHOS
N.º 2 - 5.ª SÉRIE - JUNHO/92
DIRECÇÃO: LUIS MENDES
EDIÇÃO: CLUBE DE JORNALISMO
CENTRO DE TEMPOS LIVRES
PREÇO: 50 POMBOS

DRUGA - INQUÉRITO	UM ESCRITOR VISITOU-NOS
O NOVO QUARTEL	"FABRICA" DE CARNAVAL
A NOVA LOTA	AINDA PODE LER
EDITORIAL	<ul style="list-style-type: none"> * NOTICIÁRIO * NARRATIVAS * PASSATEMOS



Clube de Línguas (exposição)

Clube de Jornalismo



Clube de Fotografia



Clube de Pintura



e Cerâmica

... Uma escola activa

- Animação e Convívio



... Os escritores também



Os campeões Olímpicos visitam a Escola...



Dia Mundial da Criança



Hallowe'en



Concurso de Máscaras



Carnaval 93

Com a colaboração da Associação de Pais

A ILUSÃO DO PODER

António Coutino *

A crescente e não menos preocupante tendência para o aumento de conflitualidade entre professores e órgãos de gestão das escolas, tem sido matéria noticiosa que, um pouco por todo o lado tem suscitado a curiosidade pelo estudo do fenómeno, mau grado ser corrente radicar a explicação do mesmo, na simplicista fórmula do «subir o poder à cabeça».

Sem procurarmos, desde já, constatar até que ponto tal explicação cobra muito de elucidativo, certo é que se trata de um falso problema ou, o que é bem pior, dum problema cujas raízes mais fundas se encontram para além da singeleza das explicações, assumindo contornos de fenómeno sociológico que convém discutir e analisar.

Tomando como ponto de partida a análise do poder, feita e internacionalmente aceite no Ocidente, por Kenneth Galbraith, na sua obra «Anatomia do Poder», a verdade, indesmentível verdade, é que não se vislumbra qualquer tipo de legitimidade, no apetite pelo poder que o desempenho de tais cargos normalmente traz, a quem, por qualquer meio, tem acesso aos mesmos. E, é por isso o que pretendemos demonstrar, sem a pretensão de exaustão, como seria curial, mas que estaria,

por certo, fora das limitações do presente artigo.

O «poder», entendido à maneira de Max Weber como «a possibilidade de alguém impôr a sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas», tem assumido, em diferentes épocas e conjunturas históricas, diferentes tonalidades. Assim, é possível falar-se de «poder condigno» entendendo-se, como tal, aquele poder que obtém submissão pela capacidade de impôr às preferências de outros, uma alternativa desagradável ou dolorosa para os levar ao abandono das suas preferências; logo, a ideia de tal tipo de poder assenta na ideia de punição que, na maioria dos casos leva ao abandono dos pontos de vista próprios, pelo receio da reprimenda pessoal ou pública.

Numa outra configuração, o poder convola o sentido de «poder compensatório» traduzindo-se na conquista da submissão dos outros, através da contrapartida de uma recompensa positiva, que se traduz, tantas vezes, no elogio.

Finalmente, na versão mais moderna do que se entende por Poder, este assume a configuração de «poder condicionado» sendo aquele que é exercido mediante a mudança duma convicção ou duma crença; é o exemplo

* Licenciado em História e Direito, professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária de Augusto Gomes-Matosinhos.

típico do poder que se exerce através dos «média» em que as pessoas são persuadidas a «crer» nos homens ou nos produtos.

Ora, aqui chegados, cumpre perguntar: – Afinal onde radica o poder, tantas vezes, megalómano e inculto dos órgãos de gestão das escolas?

Se havemos de convir que a pergunta é fácil, cremos poder afirmar, também, que a resposta não pode confiar-se ao esquema simplista do «subir o poder à cabeça», sob pena de tentarmos explicar algo, adentro da lógica do círculo vicioso. Na verdade, recorrendo à tipificação exuriente de Galbraith – poder condigno, poder compensatório e poder condicionado – não há lugar a esse poder que, mesmo quando não se manifesta por forma exuberante, não deixa de se manifestar de forma mais ou menos latente.

Assim, o poder dos órgãos de gestão não se confunde com poder condigno; este, era o poder dos senhores sobre os escravos, dos ditadores sobre o povo a quem se não reconhecia características de cidadão. De há muitas décadas entrou, definitivamente, em declínio, sendo certo que ainda é possível descortiná-lo no papel de certo tipo de marido, de pais, polícias e professores.

Outro tanto se passa, com o poder compensatório em que o poder dos gestores escolares, definitivamente, também não cabe.

É certo que a não assunção de contra poder, por parte da comunidade escolar, pode levar à recompensa positiva que se traduz, na prática, na possibilidade de certas recompensas de carácter laboral, dentro da escola: questões de horário, tarefas mais ou menos pesadas, fora dos tempos lecti-

vos, etc. Só que, acreditamos serem tais atitudes antes manifestações, mais ou menos conscientes, de forma de poder condigno onde se procura evitar, de forma explícita ou não, a repreensão pessoal ou pública.

Por fim, é patente que o poder dos gestores das escolas não se enquadra no moderno «poder condicionado», uma vez que só por pura hipocrisia se é levado a admitir que o trabalho dos mesmos é tão bom que é capaz de nos persuadir a crer nos mesmos. Deste modo, e aqui chegados, lógico é concluir que o poder dos gestores não existe enquanto tal. É uma pura ilusão de poder que se manifesta e se estimula por aqueles que se situam mais próximo deles.

Dir-se-á, porém, que as manifestações de poder não deixam de se manifestar e ser notícia nos diferentes órgãos de comunicação, apesar de, para tais manifestações, não estarem legitimados nem por qualquer forma de poder, ou por via legislativa. É certo. Só que, voltamos à decantada polémica da imperiosa necessidade dum profunda revolução cultural. Quem nega que a função tem de passar pela acuidade, capacidade mental, simpatia pessoal, aparente honestidade, temperamento, habilidade de exprimir convicção, em suma, pela personalidade autêntica que submete, persuadindo?

Quando assim fôr, tudo será diferente. Até lá, resta-nos a esperança de que a nova possibilidade conferida pela discussão dos problemas do ensino, por via dos planos de formação de professores, se dignem admitir que a discussão do problema da postura de gestor é tema de transcendente alcance no mundo da escola.

ÁREA-ESCOLA

Georgina Teixeira *

José Caldas **

Luísa Faria ***

Paula Silva ****

Embora um certo cansaço e desaponto pela Reforma Educativa, e até pela gestão de uma Escola com 210 professores, possa transparecer das nossas palavras, pretendemos reflectir e colocar à vossa reflexão algumas questões em torno da Área-Escola. Qualquer professor « ajudante de compreender o mundo... », como diria o Director Pedagógico do nosso Centro de Formação, esperava para qualquer dia, para já, uma Reforma no Ensino, Reforma Curricular onde os programas se articulassem vertical e horizontalmente, Reforma-Inovação, que colocasse, definitivamente, como espaço dominante do ensino-aprendizagem a relação professor-aluno, a ligação interdisciplinar, o privilégio de inserir a escola no meio e o meio na escola, em que o trabalho de projecto fosse assumido como a metodologia mais activa de

uma aprendizagem aberta... nunca concluída, nunca fechada em anos, ciclos de estudos ou de escolas ... Encarámos assim a Área-Escola como a maior aposta da Reforma em curso. Iríamos assistir, com a Área-Escola, através do trabalho de projecto, às finalidades da escola, à ligação escola comunidade, à animação, iríamos pôr fim às áreas de saber disciplinares, tantas vezes desligadas entre si e da realidade do aluno, iríamos poder concretizar saberes, partindo das reais apetências e competências dos alunos, iríamos ensinar-aprendendo, aprender ao ensinar, iríamos crescer ao lado dos nossos alunos. Por isso apostámos na Área-Escola, na formação de professores, realizámos balanços, experimentámos avaliações, tornámos públicas as nossas experiências, pensámos, repensámos

* Licenciada em História, PQND da ESAG, Presidente do Conselho Directivo da ESAG de 1990-93

** Licenciado em Biologia, PQND a leccionar na ESAG, responsável pela Animação Socio-Cultural no Conselho Directivo da ESAG de 1990-93

*** Licenciada em Filologia Românica, PQND a leccionar na ESAG, Vice-Presidente do Conselho Directivo da ESAG de 1990-93

**** Licenciada em Arquitectura, PQND a leccionar na ESAG, responsável pela Área de Alunos no Conselho Directivo da ESAG de 1990-93

conceitos e metodologias, divulgámos os nossos fracassos e os nossos sucessos. Para isso, percorremos um longo percurso, sozinhos (mas com um grupo bem alargado de outros professores, também eles ajudantes de compreender o mundo): definimos um projecto educativo partilhado e facilmente partilhável por toda a comunidade. Pretendíamos que a Escola aprendesse os seus direitos e deveres, a liberdade, a responsabilidade, a participação e a intervenção na escola e no meio que nos envolve.

Percorremos todos os roteiros que a nossa vontade colectiva de Querer e de Fazer nos propunha, enfrentámos com coragem os desafios, atingimos, pelo menos, as nossas intenções, isto é, ... a animação, a comunidade. Mas, se a Reforma avançava, a Área-Escola ia ficando para trás. Maltratada, espartilhada, entre programas extensos, sem articulação entre si, esquecida entre metodologias e objectivos disciplinares, espezinhada por todos aqueles que não assumiram, nem assumem, nem sequer interiorizam a Reforma...

E assim se ia perdendo a Área-Escola. Quanto mais se tentava organizar esta área, calendarizar projectos, mais difícil se tornava motivar, mobilizar os professores ditos voluntários, seleccionar conteúdos, definir objectivos comuns. Apenas se abria um pouco mais a Escola ao Mundo de cá de fora. No entanto alunos do primeiro ano da experimentação da Reforma diriam ser ela «... **A mais bela disciplina dos Novos Programas Curriculares...**» Luís Rebola (aluno do 10º ano em 90/91).

E por ser ela tão bela continuávamos e continuamos, cedendo aqui, improvisando ali, impondo, fazendo prevalecer a ligação ao meio, a formação pessoal e social, a satisfação dos seus intervenientes sobre a

tão procurada e desejada, e não encontrada, interdisciplinaridade.

Que balanço fazer no final destes anos? A Área-Escola morre lentamente nos olhos, nos sorrisos, na satisfação, no entusiasmo de alguns dos nossos alunos e dos nossos professores... um pouco até dentro de nós. É a falta de motivação, é o voluntarismo na obrigatoriedade, é a sobrecarga horária... mas é fundamentalmente a nossa mentalidade que não se reformou, nem se reforma por decreto ministerial. E se ela é tão bela, é preciso que, de uma vez por todas, se assuma a importância do desenvolvimento pessoal e social do aluno, se procure medir, compreender e avaliar no nosso processo de ensino não apenas e somente a satisfação dos objectivos cognitivos disciplinares ou o nível de aprofundamento dos conhecimentos, mas sim aprender a encontrar, a saber acompanhar o aluno, o seu percurso, o desenrolar de todo o imenso processo de aprendizagem. Temos de aprender o que somos como professores e daí partir em busca das respostas às perguntas dos nossos alunos, partir ao encontro da sua satisfação, detectar as suas alterações, o seu crescimento, descobrir competências, atitudes em momento algum tão perceptíveis, tão notórias como ao longo do longo trabalho de grupo, no trabalho de projecto, na Área-Escola. Todos perderemos como professores, como pessoas com o esmorecer do brilho nos olhos dos nossos alunos... se não conseguirmos acompanhar o trajecto tão pessoal e individualizado das turmas, se nos continuar a passar ao lado, muito longe de nós, o maior potencial pedagógico e humano da Reforma: o aluno, a turma, as suas reais facetas como pessoas, as suas competências e limitações, as suas afirmações e inseguranças, as suas confianças e os seus fracassos e desmotivações.

Perderemos até a possibilidade de nós próprios nos transformarmos, perante eles e os outros, em gente, em pessoas, igual-

mente com facetas próprias, potencialidades e apetências específicas, limitações e inseguranças nunca antes assumidas...



Casamento de D. Fernando e Dona Leonor
Área-Escola – Projecto da Turma 11º J – 1991-92
Projecto orientado e coordenado pela Directora de Turma e Professora de História Maria João Porto Fernandes
Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos

Ao fim de três anos de gestão e de vários anos como professores afirmamos que a nova Relação Professor-Aluno continua ainda por se fazer em muitas das salas de cada uma das muitas escolas, de qualquer escola. Se é enorme o esforço exigido aos professores e alunos pela Área-Escola, é um esforço real pela «disciplina» que ainda pode ser a mais bela dos novos planos curriculares!

Há ainda muito por fazer para nós pró-

prios sermos capazes de inovar, criar, para nos libertarmos. A Escola continua à espera de mudar e para isso é preciso que todos os professores saibam de onde vêm e para onde vão, sendo este caminho colectivo assumido como projecto de todos e de cada um... para isso é preciso que todos os professores saibam como e para onde conduzir os alunos... então a Escola continuará a mudar e nós todos com ela.

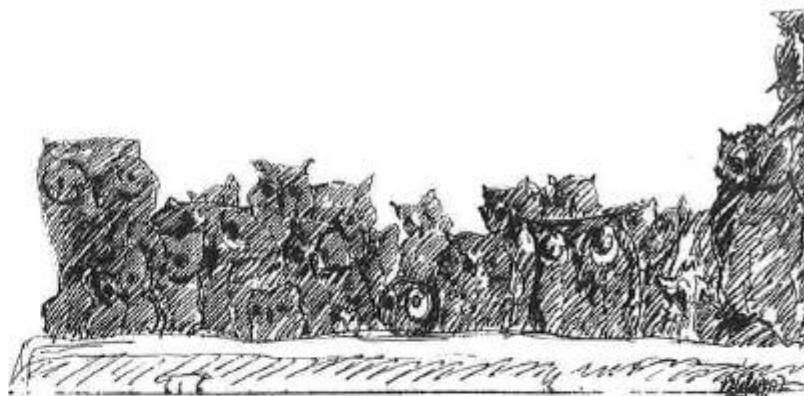
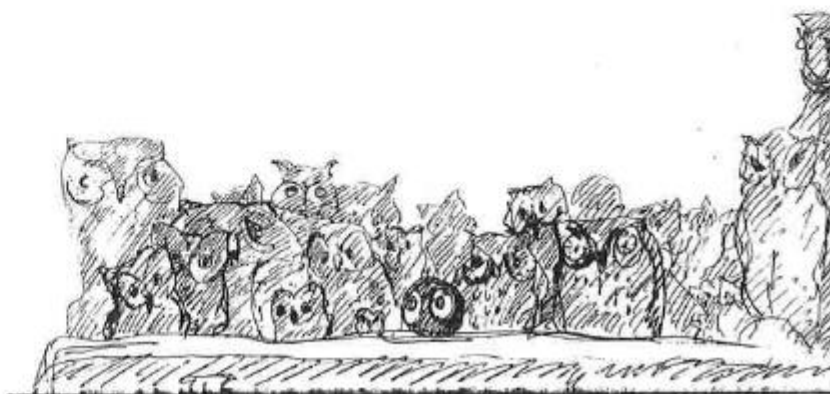
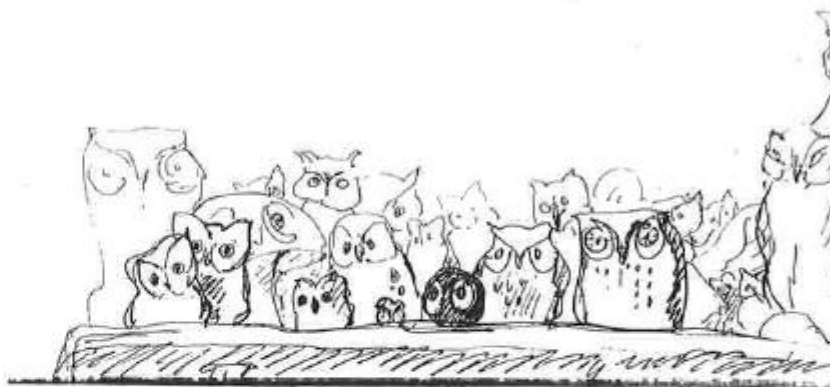
opinião

Como tínhamos prometido, na última revista, aqui está mais um artigo cuja leitura é de alto risco!

O repto foi, desta vez, lançado a profissionais não professores. A imagem do professor vista por esses profissionais vai do arrepiante ao chocante, passando pelo atrevido e provocador... a escolha do adjectivo é sua! Preparem-se, portanto, para mais uma experiência «impressionante(?)» e «demolidora(?)». Deverão, depois da leitura deste artigo, em vez do descanso prolongado, que propusemos, da cura nas termas ou coisa assim, meditar um pouco e agir em conformidade.

Também consta deste artigo uma imagem feita por um aluno que, sabendo do repto que tínhamos lançado, quis também participar na qualidade de HOMO ESTUDANTIS de 16 anos, aluno do Agrupamento 3 do 11º ano da ESAG.

Para a Paula Petiz, convidada da nossa última revista, o pedido formal de desculpas pela deturpação que fizemos da sua imagem do professor. É com a reedição do seu trabalho, que damos início a este artigo.



Desenho Paula Petiz

O PROFESSOR À VISTA DESARMADA

«Fragância ténue e persistente ou odor forte e violento que se evola da memória...

Superfície límpida e clara ou espelho estilhaçado em mil fragmentos...»

«Professor - gestor de uma empresa sem nome»
de A.U., Empresário, 37 anos

de I.M.T.L.A., Empresária - Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, 40 anos

«O professor não existe. Vasculho e não o encontro. Mas estão os olfios de amêndoa da primeira paixão, o rigor de outras vistas na fantasia desbragada, a versão acautelada e pausada das Histórias no seu avesso e as ideias inacabadas de uma propositada sabedoria, precoce, violentamente interrompida. Encontro estes todos, tão poucos, hoje aos 40 anos de vida.»

de J.C.D., 'Psiquiatra, 40 anos

«Uns melhores, outros piores actores, encontrei de tudo. Hoje, penso que ser professor é uma profissão de alto risco em que se opera sem rede.»

de R. R., Arquitecto, 42 anos

«Para além de professor é psicólogo, assistente social, um amigo. Para alguns uma tarefa árdua...»
de L.F., Técnica de Laboratório, 40 anos

«Estamos no último quarto do século vinte. Vivemos o tempo de todos os desafios. Se outrora os métodos de ensino eram enfadonhos, rígidos e os professores inatingíveis, já não poderei dizer o mesmo nos dias de hoje. O binómio, Professor/Aluno, existe em toda a sua plenitude. Muitos «Tabus» foram deixados para trás, o que é positivo. O Trinómio, Professor/Aluno/Pais, demorou a encontrar-se, por culpa dos últimos, resignação dos primeiros e a indiferença dos segundos.

A confusão generalizada da escolha (imposta) dos métodos e avaliação de ensino, por vezes difíceis de entender quer pelos alunos quer pelos professores, deixa ambos à beira do abismo.

Os professores devem preparar-se para as exigências acrescidas que cada vez mais lhes são solicitadas. Devem reciclar os seus conhecimentos. Sem medo de actuar, de forma a dar corpo a uma escola aberta, uma escola que seja de todos.

O Professor deve saber ouvir, rir, cantar ou chorar. O Professor deve ser humano, deve ser PESSOA.»

de J. R. S., Bancário, 42 anos

«Não vou fazer o apaixonado elogio dos que só encontram méritos naquela doce velhinha que foi a sua professora primária e cuja palmatória, volvidos tantos anos, já mais parece ter afagado, que punido. Não vou por este caminho, isso não. Mas, sempre digo que, à força do que vou dando conta, talvez tenhamos hoje mais razão do que os Antigos para dizer: «quem sabe faz, quem não sabe... ensina». De uma coisa, podem estar certos: desta referência pouco elogiosa excludo todos aqueles que, atentos, sabedores e bem dispostos, vão ajudando a Gente a vencer a ignorância.»

de L.N.S.,
Advogado,
51 anos

«... afinal há pessoas egoístas que apenas educam os filhos, e o professor é chamado, então a cumprir uma missão mais universalista: formar o gosto e o sentido crítico de um punhado de jovens; como personagens do filme de Truffaut «Fahrenheit – grau de destruição» prepará-los para um dia numa sociedade que não ame os livros, partirem para as florestas a decorarem a Bíblia, Dostoiévsky ou Holderlin e a resistirem a um nefasto poder.»

de C.S.P., Jornalista, 40 anos

« O Professor é o amigo, o confidente, o conselheiro que prepara os seus alunos para a vida, inculcando-lhes o sentido de que a vida tem de ser ganha de qualquer maneira; em último caso, honestamente!»

de J.L.D., Músico,
63 anos

*«Conhecem-se tão bem os professores!
Só sabem falar de escola e são os que mais alto falam nos cafés...»*

de F. M., Engenheiro Civil, 43 anos

«Nasceu...
folgou, riu,
brincou, enquanto
foi menino... primeiro
incidente «deixa-me dar uma
boca» amizades interesse dedicação.
Ensino Secundário, trabalho, conhecimento do antiprofessor espécie fossilizada
muito mau para realçar o muito bom que é «coração, dedicação, doação total, espírito de sacrifício... trabalhar muito, ganhar pouco. Ensino superior... opção pelo ramo educacional... vontade de fazer obra. Também é trabalho, dedicação prestígio, reservar tempo para ainda amar, viver, dar valor às coisas simples deste mundo que no fundo também é viver.»

de O.S.S.L., Inspector da IGE, 68 anos

PROFESSOR, *Homo Ensinus Escolaris*

Espécie hominídea com uma capacidade cerebral tão..., tão..., tão reduzida, que ainda ninguém inventou um instrumento capaz de medir volumes tão pequenos!... Esta espécie habita nas escolas de todo o mundo e quase todos os seus membros são do sexo feminino (o que levanta uma interessante questão sobre a sua reprodução...).

Os professores são portadores duma estranha doença que não os afecta directamente, mas que é facilmente transmissível aos seres com que eles mais convivem: os *Homo Studentis*. Esta estranha doença chama-se «trabalhos de casa» e, embora não seja mortal para a maioria dos infectados, pode provocar graves anomalias no seu funcionamento, tais como a luta contra a preguiça ou a ocupação de tempos que poderiam ser livres. Além desta estranha doença, os professores escondem outros estranhos mistérios...

O seu modo de vida anual é muito bizarro: têm três períodos de actividade, de aproximadamente 2 meses e meio cada (de Setembro a Junho), seguidos por pequenos períodos em que eles se juntam no seu habitat natural para conspirar contra os estudantes... Pensa-se que a conspiração não fica por aqui porque, de hora a hora, a seguir ao toque duma campainha, os *Homo Ensinus Escolaris* juntam-se em peque-



nas salas onde costumam estar guardadas as suas armas secretas (os livros de ponto)...

Em cada um dos três períodos de actividade, o organismo da maior parte dos professores liberta dois corpos estranhos rectangulares, que se julga terem como objectivo a captação de informações sobre os *Homo Studentis*, mas que, em muitos casos, não são a melhor solução. A seguir aos três períodos de actividade, pensa-se que a maior parte dos professores hiberna (de Junho a Setembro), pois quase ninguém os vê.

Os professores têm hábitos muito estranhos: gostam de riscar a vermelho as obras de arte dos estudantes e de usá-

los para praticar tiro com chumbos; andam sempre com a sua arma secreta à mão, pronta para marcar a «falta» (que, por vezes, serve como uma forma lenta e tortuosa de praticar o tiro com chumbos ao estudante) e, no princípio de cada aula, gostam de contar alguns números consecutivos (pensa-se que o fazem como técnica de meditação)...

Já pensaram no que aconteceria se este texto fosse parar às mãos de algum *Homo Ensinus Escolaris*?... Cuidado com os chumbos e, por favor, guardem segredo!...

Cláudio, um *Homo Studentis*, 16 anos, aluno do 11º ano da ESAG, agrupamento 3

à conversa com ...

Luís Rebola



Natural do Porto, 18 anos de idade, aluno do 12º ano experimental, a frequentar o agrupamento 3 (prosseguimento de estudos), pretendendo ingressar no próximo ano lectivo no curso Superior de Economia, na Faculdade de Economia do Porto. Ingressou na Reforma no 10º ano, no ano lectivo 90/91.

P1. Se existisse apenas um responsável por esta Reforma do Sistema Educativo e o «apanhasses», o que é que lhe fazias?

R1. Perguntava-lhes se somos como as cobaias de laboratório, que após a experiência são deitadas ao lixo.

P2. Qual a disciplina de que mais gostaste no 10º, 11º e 12º ano? Porquê?

R2. Nenhuma em especial num período tão longo de tempo; houve momentos particularmente interessantes, com conteúdos que gostei de trabalhar em várias disciplinas.

Mas, Geografia, foi talvez aquela em que mais vezes me deu prazer trabalhar, pela conjugação perfeita que se estabeleceu entre a turma, o forte dinamismo da professora e a actualidade dos temas tratados em aula e trabalhos, que apelavam à forte intervenção dos alunos no planeamento do nosso território.

P3. Resume tudo o que pensas sobre a Reforma do Sistema Educativo num louvor e/ou insulto, devidamente justificado.

R3. «Parabéns à Secundária de Augusto Gomes». É que «trocar a ordem» aos pontos dos programas tradicionais, estipular «x» nº de aulas para cada matéria, sugerir a feitura de trabalhos de pesquisa a propósito de tudo, ... enfim, ser responsável pela Reforma do Sistema Educativo não é fazer a Reforma.

Quem fez a Reforma foram os alunos e professores desta casa, os que contactaram com a incerteza dos inícios do ano, sem material, dos exercícios com soluções erradas, aqueles que a partir de um decreto-lei ambíguo encararam, por mérito próprio, a maior inovação da Reforma do Sistema Educativo: a Área-Escola. Por isso, o louvor é para eles.

P4. Se pudesses voltar 3 anos atrás terias escolhido uma escola com a Reforma ou terias optado por uma escola sem Reforma? Porquê?

R4. Não teria dúvida nenhuma em escolher uma escola com a Reforma; a experiência destes três anos foi muito positiva e depois, embora tenha respeito pelas «espécies em extinção», não gostaria de pertencer a uma.

P5. Quais os principais cuidados que deverão ter os alunos que iniciam no próximo ano lectivo o 10º ano da Reforma?

R5. A questão do acesso ao Ensino Superior em igualdade de circunstâncias com os alunos do sistema tradicional não será problema para eles, já que o 10º ano generaliza no próximo ano lectivo; caso contrário, aconselhá-los-ia a cuidar, desde cedo, desse problema.

Uma boa planificação do tempo é crucial para os alunos que têm que cumprir prazos de entrega de mais do que um trabalho, à mistura com testes e Área-Escola, principalmente no fim do ano. O trabalho de projecto desenvolvido no âmbito da Área-Escola não deve ser deixado para as últimas semanas do terceiro período, com o prejuízo de se perder uma convivência extraordinária na correria para «concluí-lo» até ao final do ano lectivo.

P6. O que distingue um professor que trabalha com uma disciplina da Reforma?

R5. É, sem dúvida, um professor mais cansado, porque lhe é exigida uma participação mais activa e variada; mas, apesar disso, tem «fôlego» e ainda consegue «apaixonar» os alunos.

P7. Sente-se a Reforma no «ar» (na Escola)? Como?

R7. É difícil responder. O «ar» da Augusto Gomes já era «reformado» antes de o ser.

P8. De conversas que tenhas tido com colegas que tenham frequentado o antigo 12º consideras-te melhor preparado para a Faculdade ou pior? Porquê?

R8. No próximo ano lectivo, os alunos da «espécie em extinção» vão competir com o «sangue novo» que acaba de sair de um 12º ano com mais 605 horas; a preparação dos últimos é mais abrangente, são peritos em trabalhos de grupo, mais criativos e activos e têm uma visão mais nítida da realidade actual, para além de não serem esquisitos (qualquer fotocópia serve!) – Coitados dos outros!

Nota: Aguarda-se confirmação!

P9. Achas que a nossa Escola, no seu todo, «ganhou» alguma coisa em ter aderido à experiência da Reforma?

R9. Para além das obras, dos computadores, ... ganhou uma camaradagem que nos permite encarar a mudança sem receio, com espírito de entreaajuda e sobretudo enriqueceu em termos de relacionamento humano.

P10. Se te pedissem para estruturares uma Reforma do Sistema Educativo quais seriam as principais linhas de força do teu projecto?

R10. Daria menos peso aos testes de avaliação em certas disciplinas, contrabalançando com trabalhos de grupo; apostava em programas versando assuntos de grande actualidade, em conexão com programas leccionados no Ensino Superior.

Pretender-se-ia desenvolver nos alunos um espírito crítico e criativo.

A Área-Escola passaria a ser encarada como uma área curricular disciplinar, com horário estipulado, acabando com as dificuldades que hoje surgem para encontrar tempo disponível para desenvolver o projecto.

A escola tornar-se-ia cada vez mais um espaço aberto à comunidade, promovendo acções sobre temas diversificados e o intercâmbio entre jovens da CE.

A animação dos tempos livres dos professores e alunos contribuiria para o aprofundamento das relações de amizade e cooperação e funcionaria como complemento indispensável a uma vida equilibrada.

A «minha» Reforma não seria muito diferente da que agora experimento.

Francisco Rui de Carvalho Fernandes (Xiquinho)



Jovem, nasceu em Matosinhos, em 15/05/75, aluno da Escola Secundária Augusto Gomes-Matosinhos – 12º ano Humanísticas; quando for grande quero ser alguém.

P1. Se existisse apenas um responsável por esta Reforma do Sistema Educativo e o «apanhasses», o que é que lhe fazias?

R1. Convidava-o para jantar e logo se via.

P2. Qual a disciplina de que mais gostaste no 10º, 11º e 12º ano? Porquê?

R2. No 10º ano – Área-Escola por ser «très chiq».

11º e 12º anos – Oficina de Expressão Dramática pelo convívio e pelas experiências que tivemos.

P3. Resume tudo o que pensas sobre a Reforma do Sistema Educativo num louvor e/ou insulto, devidamente justificado.

R3. Igual à Batalha de Alcácer Quibir. Necessária como resposta aos problemas existentes, mas mal preparada e organizada. Só espero que a Reforma não tenha o mesmo desfecho que a Batalha.

P4. Se pudesses voltar 3 anos atrás terias escolhido uma escola com a Reforma ou terias optado por uma escola sem Reforma? Porquê?

R4. Escola com Reforma. Por masoquismo e porque acredito que só se pode melhorar alguma coisa operando dentro dela.

P5. Quais os principais cuidados que deverão ter os alunos que iniciam no próximo ano lectivo o 10º ano da Reforma?

R5. Essencialmente médicos.

P6. O que distingue um professor que trabalha com uma disciplina da Reforma?

R6. De momento mais olheiras e mais preocupações.

P7. Sente-se a Reforma no «ar» (na Escola)? Como?

R7. Sentiu-se, mas o perfume acabou bastante cedo.

P8. De conversas que tenhas tido com colegas que tenham frequentado o antigo 12^º consideras-te melhor preparado para a Faculdade ou pior? Porquê?

R8. Só o facto de ter-se seis ou sete disciplinas implica um maior tempo de estudo e uma maior aplicação. mas não sei dizer se estou melhor ou pior preparado.

P9. Achas que a nossa Escola, no seu todo, «ganhou» alguma coisa em ter aderido à experiência da Reforma?

R9. Ganhou. Computadores, fotocópias. Televisores, fotocópias. Vídeos. fotocópias
Experiência, fotocópias.
Só não ganhou uma fotocopadora.

P10. Se te pedissem para estruturares uma Reforma do Sistema Educativo quais seriam as principais linhas de força do teu projecto?

R10. Incutir nos alunos que podem ser **alguém** e não mais um.

NOTA DA REDACÇÃO E foram dois discursos diferentes sobre o mesmo tema... conversámos com dois alunos experimentadores da Reforma Curricular desde 1990-91... «cobaias de laboratório» que «convidariam para o jantar» alguém que com eles quisesse discutir esta Reforma ou uma outra nova reforma.

É a nossa homenagem aos homens, cidadãos que cresceram connosco nestes três anos. E se o «ar» da Escola já era de Reforma antes ainda de o ser, se o «perfume» da Reforma acabou, para alguns cedo demais, ficarão para nós estes dois homens em nome de tantos outros que criaram perfumaram e reformaram o ar desta escola.

publique-se

CONSEQUÊNCIAS DE UMA APRENDIZAGEM

Madalena Brás *

À medida que os anos passam, cada vez sinto mais necessidade de criar na sala de aula um ambiente favorável à aprendizagem. É nesse sentido que tenho orientado a minha formação como professora. Por isso, inscrevi-me no curso COMUNICAÇÃO NA AULA.

O professor tem necessidade de dominar as várias formas de comunicação. Aprendendo a fazê-lo os alunos beneficiarão dessa aprendizagem.

Depois de iniciar o curso e à medida que as aulas se sucediam, fui adquirindo maior segurança para poder experimentar, com os meus alunos, coisas simples, mas que poderiam tornar as aulas mais interessantes.

Vou relatar a primeira inovação que experimentei com os alunos, consequência da aprendizagem que fiz sobre dramatização na sala de aulas.

Numa determinada aula, pretendia que os meus alunos de 10º ano analisassem um texto, que referia a opinião de vários homens de ciência, à cerca da Origem da Vida. Posteriormente, e em discussão alargada, pretendia que eles emitissem uma opinião crítica sobre o assunto.

A experiência de anos anteriores tinha-me demonstrado que os alunos tinham alguma dificuldade em emitirem opinião própria. Assim, e a título experimental, resolvi pedir-lhes para que, no final, da análise do texto, simulassem uma mesa redonda, de forma que cada participante assumisse como sua, uma das opiniões referidas sobre a Origem da Vida. Disse-lhes também, que só era possível defenderem bem os seus pontos de vista, se em grupo, tivessem discutido, quais os conceitos, as metodologias, as tecnologias, as implicações sociais, etc. da época.

Os resultados foram surpreendentes:

1º Os alunos aderiram bem à proposta e executaram a tarefa com muita seriedade.

2º Houve uma certa criatividade durante a dramatização, o que permitiu, na síntese final, estimular nos alunos uma visão mais humana da Ciência, fomentando a compreensão entre Ciência – Técnica – Sociedade e de como elas interactuam.

3º A aluna que representou o papel de moderadora da mesa redonda foi uma revelação. Mostrou muita segurança e uma certa facilidade na condução do diálogo dos colegas, orientando-os, quando necessário, a fundamentar as opiniões que estavam a ser representadas e a falarem no momento oportuno, capacidades

* Formanda do Curso Comunicação na Aula, Turma A-93, PQND da ESAG, licenciada em Biologia.

que ainda não tinha detectado. Finalmente, seguiu-se uma discussão geral sobre o que ali se tinha passado e sobre o tema em questão.

Os alunos estavam tão entusiasmados que, durante a discussão geral, todos quiseram emitir uma opinião, mesmo os que não participaram directamente na mesa redonda. No final da actividade pediram-me que fizesse mais coisas daquele género.

Esta actividade demorou duas horas e foi experimentada com 25 alunos.

Outra consequência da aprendizagem que fiz, também experimentada na sala de aula, foi o seguinte jogo:

Os alunos do 2º turno de Técnicas Laboratoriais de Biologia, do 10º ano, turma C, entraram na aula muito agitados. Quis saber o que tinha acontecido. Falavam todos ao mesmo tempo, num diálogo cruzado. Só me apercebi que, durante o intervalo, uma aluna caiu, ficou inanimada e foi para o hospital. Na turma um aluno muito exaltado dizia mal da Escola. Esperei algum tempo, mas senti que não havia condições de escrever o sumário, muito menos de realizar a actividade experimental, prevista para aquela aula. Assim, enquanto eles falavam uns com os outros, resolvi dispôr, num dos lados da sala, 12 cadeiras em dois círculos concêntricos. Depois pedi aos alunos para se sentarem nas cadeiras, tal como estavam colocadas. Os alunos ficaram sentados frente a frente. Seguidamente, disse-lhes que:

1º iam fazer um jogo

2º os que estavam no círculo interno permaneceriam na mesma posição, enquanto os do círculo externo se deslocariam para a cadeira que lhes ficava à direita, quando eu batesse palmas

3º o diálogo só poderia ser efectuado entre os dois alunos sentados frente a frente

4º o jogo acabaria quando os alunos do círculo externo voltassem à posição inicial

5º o tema proposto para o diálogo era o seguinte: Que deveriam fazer, naquele momento, para se iniciar a actividade prática planeada.

O jogo demorou seis minutos, pois bati as palmas, minuto a minuto.

O que disseram durante o diálogo, não sei. Só sei que quando lhes perguntei a que conclusões tinham chegado, referiram-nas, vestindo as batas, sentando-se nos respectivos lugares, seguindo as instruções do protocolo fornecido, etc.

Esta foi a forma que encontrei para colocar os alunos a reflectir sobre uma coisa séria, chamando-os à realidade, de uma forma lúdica e sem me cansar. Penso que resultou, pois a actividade prevista foi realizada e com empenho.

Quero ainda referir, outra coisa muito simples que experimentei com os alunos, consequência também da aprendizagem feita neste curso mas agora com movimentos respiratórios.

Em certas situações, pedi a determinados alunos para executarem determinados movimentos respiratórios, com a finalidade de os tornar mais calmos, mais confiantes, falarem mais lentamente, dominarem uma certa gaguez... De uma maneira geral, o objectivo parece-me ter sido atingido, pois já cheguei a ver alguns desses alunos, repetirem movimentos respiratórios idênticos, por iniciativa própria.

Muito mais sugestões retirei deste curso. Tenciono pô-las em prática, sempre que surgir uma oportunidade. Algumas delas servir-me-ão para imprimir uma nova dinâmica ao trabalho de grupo, já no próximo ano lectivo, pois este quase está no fim.

Além dos resultados positivos que obtive com os alunos, das reflexões que fiz e das sugestões que me foram dadas, não posso deixar de referir o agrado com que frequentei este curso, o quanto me diverti durante o decorrer das aulas, e os novos laços de amizade que estabeleci.

os sinais de trânsito

Alzira Fátima Silva Santos Paiva *

No âmbito do curso a Comunicação na aula – Dinâmica de grupos, realizei o trabalho que a seguir apresentarei, para aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

O tema escolhido foram os sinais de trânsito, matéria da disciplina de Meio Físico e Social e a actividade foi realizada na Escola de Sendim com os meus alunos do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Apliquei, em especial, a técnica de dramatização, tentei dinamizar os alunos em grupo e atingi o objectivo da aprendizagem.

A turma constituída por 20 alunos, entre os 9 e os 11 anos, foi dividida em 5 grupos de 4 elementos cada. Esta divisão fez-se segundo as preferências dos alunos, para facilitar o entrosamento do grupo e, deste modo, facilitar a realização do trabalho.

Iniciei o trabalho dando aos alunos um primeiro contacto com os sinais de trânsito. Alguma informação sobre a sua forma de comunicação na estrada, através de cartazes com sinais e histórias de trânsito.

Depois o trabalho dividiu-se em duas partes. A primeira, com expressão plástica, em que elaboraram vários tipos de sinais, distribuídos seguidamente a cada grupo.

Os grupos tiveram como tarefa o agrupamento de sinais, segundo as cores e as formas. No fim, cada grupo, obtinha os quatro grupos de diferentes grupos de sinais: perigo, obrigação, informação e proibição (ver foto 1).

No seguimento destas tarefas, os alunos escreveram frases alusivas ao tema e fizeram máscaras de sinais de trânsito que serviriam de base à dramatização a realizar posteriormente (ver fotos 2 e 3).



Foto 1 – Agrupamento dos sinais segundo cores e formas, ou seja, segundo os quatro tipos de sinais



Foto 2 – Elaboração de frases

* Formanda do Curso Comunicação na Aula, Turma A-93, PQG da Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico de Sendim.

Na segunda parte do trabalho, dei alguns princípios orientadores para a realização da dramatização. Assim, muni os vários grupos de meios de acção, para a vivencia dos papéis, mas deixei que expressassem, livremente, a sua sensibilidade e imaginação. Cada grupo optou por uma forma diferente de transmissão da mensagem aos colegas, concretizando, deste modo, os conhecimentos adquiridos (ver foto 4 e 5, 6 e 7).

Portanto a dramatização usou movimentos de corpo, gestos, diferentes tipos de voz entre outras formas de comunicação, tendo, por base, fundamentalmente as frases e os cartazes-máscaras já referidos.

Há ainda a referir que tive de intervir, no decorrer das actividades como moderadora, visto que a integração no grupo de todos os elementos nem sempre foi fácil. Tive de gerir as capacidades de todos os alunos, para além de ter de ultrapassar as suas inibições e rentabilizar capacidades, nomeadamente a dos líderes. Contudo, o trabalho funcionou bem e a minha intervenção foi modesta, já que os alunos cedo chegaram a consenso, fruto do prazer que as actividades lhes proporcionavam.

Os resultados foram observados através das respostas correctas dadas a um pequeno questionário, realizado após as actividades descritas.

A maioria revelou ter atingido os objectivos propostos. A Dramatização, em especial, provocou grande entusiasmo e uma boa relação de grupo, para além de ter permitido a concretização dos objectivos. A iniciativa foi proveitosa, a avaliar pelas reacções e comportamentos dos alunos, os quais, embora surpresos por esta diferente forma de aprender, mostraram grande receptividade a estas iniciativas.

Penso que esta forma de ensino, pode permitir a sedimentação de conhecimentos por um período de tempo maior, visto que se trata de uma aprendizagem activa, participada e lúdica.

Por todos os motivos expostos, irei implementar este tipo de actividades nas minhas funções docentes.



Foto 3 – Elaboração de cartazes-máscara



Foto 4 – Preparação da dramatização



Foto 5 – Dramatização



Foto 7 – Dramatização



Foto 6 – Preparação da dramatização

feira dos

golfinhos

VENDE-SE

COMPUTADOR TADARIO 286

Características

Unidade Central: INTEL 80286 (12 MHz)
Memória viva: 640 Kb extensível a 4 Mb
Leitor de disquete: 3,5"; 1,44 Mb
Disco duro: 20 Mb

PREÇO: 70 000\$00
(aceitam-se propostas)

CONTACTAR: Mariana Batouxas
Zona Residencial do Campelo
Bloco E1/2 r/c Esq.
5300 Bragança
Tel. 073/25663

